



GUIA LITERÁRIO MUNDO DO TRABALHO NA LITERATURA AMAPAENSE



**Cris Évelin da Costa Dalmacio
Diego Armando Silva da Silva**



MAPA DO GUIA

Apresentação	3
Conceitos Importantes	4
Roteiro de Navegação	5
Porto do Trabalho Formal	6
Sugestão de Atividade	16
À Deriva: O Trabalho Informal	17
Sugestão de Atividade	30
Fortes Correntezas: Trabalho Ilegal	32
Sugestão de Atividade	40
Trilogia Poética	42



Apresentação

Este guia literário foi elaborado como parte de pesquisa de mestrado homônima, vinculada ao PROFEPT/IFAP, orientada pelo Dr. Diego Armando Silva da Silva.

A proposta nasce com o objetivo de colocar a literatura como uma poderosa aliada na formação humana integral ao aproximar a literatura amapaense do cotidiano escolar e do universo do trabalho. Essa união permite que estudantes reflitam criticamente sobre sua realidade, reconheçam seus saberes e se projetem como sujeitos de direitos e de transformação social. Quando articulada ao contexto da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), a leitura literária ganha ainda mais força, ao conectar experiências de vida, cultura local e temas relacionados ao mundo do trabalho.

Neste guia, encontram-se reflexões sobre textos literários que abordam o trabalho no contexto amapaense, organizados em categorias temáticas que representam diferentes formas de inserção laboral. São apresentados trechos representativos, devidamente referenciados, para facilitar o acesso posterior aos livros que possam interessar aos leitores. Ao final de cada seção, há sugestões de atividades educativas, assim como indicações adicionais de leitura. A intenção é que este material sirva como ferramenta de apoio, especialmente a educadores(as) da EPT que desejam incorporar a literatura em suas práticas pedagógicas.

Ao valorizar as vozes da literatura local e os saberes do território, espera-se contribuir para uma educação mais sensível, crítica e comprometida com a realidade dos estudantes. Seja bem-vindo(a) a este percurso literário que entrelaça educação, cultura e trabalho. Que as páginas seguintes inspirem novas leituras, práticas e possibilidades formativas no chão da escola.



Conceitos Importantes

Dois conceitos são fundamentais para compreender a proposta deste guia:

Formação Humana Integral

Formar de modo integral é educar para além dos conhecimentos técnicos e científicos. Significa desenvolver também valores, emoções, pensamento crítico e consciência social, articulando saberes profissionais com cultura, arte e vida.

Trabalho como Princípio Educativo

O trabalho, além de produzir bens e serviços, é uma forma histórica de ser, aprender e se desenvolver como ser humano. Na escola, ele pode ser estudado de forma crítica, ajudando os(as) estudantes a refletirem sobre seus direitos, realidades e possibilidades de transformação social.



Roteiro de Navegação

Este guia convida você a embarcar em uma viagem literária pelas águas do Amapá, onde cada parada revela um aspecto do mundo do trabalho retratado na literatura amapaense. É uma travessia cheia de desafios, que carrega histórias, memórias e reflexões, conduzindo o leitor por diferentes paisagens humanas e culturais.

Nosso roteiro inclui portos onde o trabalho é reconhecido e regulamentado; rios onde a sobrevivência se constrói com criatividade, resistência e ancestralidade; fortes correntezas que mostram a realidade de infâncias interrompidas.

Mais do que deslocamento, esta navegação é um convite a olhar de perto as vidas e contextos retratados na literatura local, fortalecendo o diálogo entre educação, cultura e experiência de trabalho.





Porto do Trabalho Formal

Atracamos no porto seguro do **trabalho formal**, onde as profissões têm registro e direitos garantidos por lei.

Trabalho Formal é aquele exercido com vínculo empregatício reconhecido legalmente, garantido por registro em carteira, contrato ou nomeação. Esse tipo de relação de trabalho assegura direitos previstos em lei, como salário fixo, férias, 13º, descanso remunerado e previdência social (Organização Internacional do Trabalho, 2015a).

Na literatura amapaense, o trabalho formal aparece como espaço de relativa estabilidade, mas que não está livre de desafios, desigualdades e tensões. Esse cenário revela histórias de trabalhadores que ressignificam suas histórias, mantém a dignidade e o reconhecimento social ao mesmo tempo em que, por vezes, enfrentam a injustiça, a desvalorização e a precariedade material.

Vamos conhecer um pouco mais sobre esse tipo de trabalho em nossa literatura e como você pode usá-la em sala de aula!

O Professor na literatura amapaense

*Professor, sabia que sua
profissão tem grande destaque
na literatura local?*

Entre as profissões relativas ao trabalho formal o ofício docente é o mais recorrente na literatura amapaense.

Em várias obras literárias, o professor é retratado como figura central na formação de gerações, unindo dedicação e compromisso com a comunidade.

As narrativas mostram tanto o valor social dessa profissão quanto os desafios da precarização e das condições adversas.

**Nas páginas seguintes, vamos conhecer de
que forma o docente é retratado!**

Em verso

AO PROFESSOR (15/10)

Onde estão os teus valores?
No nascer da poesia,
nos homens comandantes,
na educação do caipira
e em todos que adiante
saem do zero da vida.
Tens a nata do saber,
as sílabas do progresso,
evolução do bem querer
concebida no alfabeto.
Tua missão absoluta
produz milagres de amor
(...)

Ranilson Chaves

Livro: O mundo desaba eu escrevo (1999, p. 114)

PROFESSOR

Tu és a estrela guia,
O caminho, a sombra,
A esperança de um futuro
feliz
De uma criança hoje
Que amanhã será a guardiã
De tudo que semeaste,
O saber,
Que não tem fronteiras.
És o espelho
A luz
A menina dos olhos
Do futuro
Do mundo.

Getúlio Oliveira

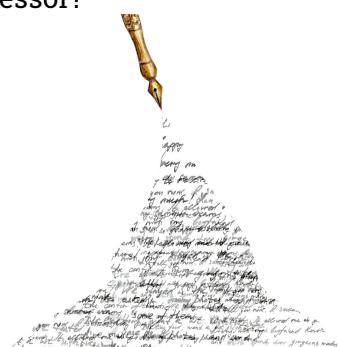
Livro: Um rosto na multidão (2003, p. 20)

DOUTOR RECONHECIDO

No afã de sua alegria, pensou:
Será que ainda existe, meu primeiro professor?
E os demais? Quanto estão ganhando?
Pra formar alguém, doutor.
Decidiu trabalhar bastante,
E político se tornar
Na plataforma de seu governo,
Educação em primeiro lugar.
(...)

Reginaldo Martins

Coletânea de Poesias (2007, p.34)



Em prosa

Nos demais gêneros textuais da literatura amapaense, os docentes também recebem reconhecimento, porém os desafios da profissão ganham evidência.

Veja, no exemplo abaixo, a crônica da autora Marly da Cunha Sá, do Livro **Instantes do Cotidiano** (2012, p.19):

Lógica de Criança

Ao ser indagada pela mãe sobre o que iria ser quando crescesse, a garotinha imediatamente respondeu:

- Quando eu crescer quero ser pipoqueira.
- Mas minha filha! Pipoqueira?
- É sim mãe!
- Por que queres ser pipoqueira? Podias escolher outra profissão, deverias ser professora como eu!
- Sabe mãe, eu nunca vejo a senhora com dinheiro. Eu vejo o pipoqueiro todo dia com dinheiro na mão. É por isso que quando eu crescer vou ser pi-po-quei-ra!



Apesar do tom cômico do texto, revela-se a percepção social acerca da precarização do trabalho docente.

Um por todos

Ao reconstituir sua própria experiência escolar, o autor Raimundo Santos destaca a trajetória da professora amapaense Cecília Pinto, cuja memória permanece presente na comunidade, hoje materializada na homenagem que dá nome à Escola Estadual Professora Cecília Pinto, em Macapá. Confira o relato a seguir:

“Chegou o ano de 1945 e mamãe resolveu me matricular no Grupo Escolar do Amapá. A diretora em exercício, por alguns anos, era a professora Cecília Pinto de Azevedo Costa. A fama da abnegada e respeitada mestra ia além das fronteiras do recinto escolar. Ela, sozinha, trabalhava diariamente nos dois turnos, com turmas desde a alfabetização até a quinta série primária”.

**Raimundo Donato dos Santos
Raízes Submersas: Fatos e Relatos (2009, p. 88)**

A narrativa mostra a jornada difícil e as muitas responsabilidades acumuladas em meio a limitações. Apesar de se referir a décadas passadas, a sobrecarga de trabalho continua sendo realidade para muitos professores.



Direitos incertos

Nas narrativas sobre outras profissões do trabalho formal, além da rotina do ofício, destacam-se também a precariedade, a instabilidade e as desigualdades. Veja o caso deste personagem **lavrador**, retratado no livro **História de um sino** (2013, p.13), de Paulo de Tarso Barros:



“No dia em que o doutor ficasse insatisfeito com ele, seria mandado embora, pois era sempre dessa maneira desumana que o patrão agia. Quando um empregado não lhe servia mais, simplesmente era expulso da terra sem direito a nenhum tipo de indenização. Mesmo sindicalizado, sabia que trabalhadores iguais a ele quase nada podiam fazer contra os fazendeiros, ricos e poderosos, amigos dos políticos. Quando terminasse de lavrar a terra, era esperar o tempo de colher e dividir a produção com o dono da propriedade. A sobra dessa partilha injusta não dava para fazer quase nada. Só as contas na quitanda consumiam a maior parte do dinheiro apurado. Acabava sempre devendo ao comerciante.”

O trecho mostra que, nesse caso, o trabalho formal não garante proteção nem dignidade, pois a exploração persiste através da subordinação, da insegurança e das dívidas, evidenciando a necessidade de mudanças estruturais para alcançar justiça social.

O caso dos Operários de Mineração

No livro **Boa Esperança** (2001, p.64), de Janete Santos , a autora recorda histórias de seu pai sobre o tempo em que trabalhou pelas ilhas do Amazonas, costas do Amapá e Guianas. Contava que um operário da ICOMI, após descobrir ouro próximo à Serra do Navio, desapareceu em circunstâncias misteriosas. A empresa alegou acidente, mas ele acreditava que a mineradora explorava, em segredo, não só manganês, mas também ouro e diamantes na região.

Na obra **Da vida e da sorte por dez contos** (2012, p. 65-70), de João Wilson Savino Carvalho, apresenta-se o personagem Zé da Esteira, operário da mineração na vila Serra do Navio, que acreditava fielmente nos valores do capitalismo americano e na meritocracia da companhia em que trabalhava. Conhecido por sua simplicidade e dedicação, ele se tornou uma figura folclórica local, sempre repetindo que “nos Estados Unidos isso não aconteceria”. Com o declínio da empresa e o fechamento das minas, Zé não soube se adaptar: perdeu o emprego, viu a vila se degradar e terminou empurrando um carrinho de picolé pelas ruas, ainda vestido com o uniforme da companhia. Antes indispensável para a empresa, passou a ser invisível.

Esses resumos não apenas contam histórias de trabalho, mas ajudam a entender como, muitas vezes, o capital precariza, explora e abandona os trabalhadores em nome do lucro.



Outros sentidos do trabalho

Mesmo com os desafios do trabalho formal em uma sociedade desigual, a literatura amapaense mostra que o trabalho pode ter um sentido maior. Ele aparece como forma de **superação**, de afirmação da **identidade** e de busca por **dignidade**, indo além da simples sobrevivência e se tornando espaço de **realização, resistência e valorização** da vida humana. Veja nas histórias seguintes:

Depois de abrir seu próprio empreendimento, a personagem **comerciante** enfrentou duas grandes perdas: em 1967 e em 1974, quando incêndios destruíram não só a loja, mas também uma pensão construída com muito esforço. Mesmo assim, não desistiu. Reconstruiu tudo novamente, manteve-se no comércio em Macapá e hoje agradece a Deus pela força de sempre recomeçar e pelas conquistas alcançadas. Essa história é contada no livro **Jovens Talentos Literários** (2017, p.71), em crônica de Caroline Freitas.



Na obra **De amor e de fé** (2013, p.46), Maria Ângela Nunes revela sua trajetória como **professora** no Amapá. Ao refletir sobre sua carreira, ela se surpreende com a quantidade de vidas que marcou: mais de 10 mil alunos, entre escolas, a Unifap, o Senac e diversos cursos de português. Movida pela paixão pelo magistério, buscava sempre transmitir aos estudantes o valor do conhecimento e o quanto o estudo poderia transformar o futuro de cada um.

Manoel da Silva Dias, conhecido como Seu Amor, foi um **produtor rural** que transformou a antiga Passagem Paricá, atual Beco do Amor. Vindo de Abaetetuba nos anos 1970, instalou-se com a família e criou a fábrica de vinagre Abacatetuba, fruto de seus conhecimentos herdados dos engenhos de cana. Seu ofício garantiu o sustento da casa e contribuiu para o desenvolvimento da comunidade: ajudou a abrir caminhos, trouxe iluminação e deu identidade ao lugar, que passou a ser chamado Travessa Vinagreiro em sua homenagem. Lembrado como pioneiro e homem dedicado, Seu Amor deixou um legado de trabalho, esforço e melhoria coletiva para seus vizinhos e descendentes. Livro: **Mitos e Lendas do Amapá** (2020, p. 59-61), de Joseli Dias.



Na Reserva do Rio Iratapuru, o dia começa ainda de madrugada, quando **seringueiros** seguem para a mata com ferramentas e coragem para enfrentar o escuro. Nesse cenário, as mulheres se destacam pela força e pela parceria no trabalho. Cristina Carvalho, por exemplo, acompanha o marido Valdo na extração do látex: juntos riscam até 150 árvores em uma única manhã, dividindo o esforço pesado da atividade. Enquanto isso, outras mulheres garantem a manutenção da vida comunitária, lavando roupas nas águas frias do rio e cuidando das famílias. A força e o incentivo das mulheres são fundamentais e sustentam o trabalho pesado nas atividades extrativistas. Livro: **Lugar da Chuva** (2001, p.29), de Luli Rojanski.



Concluímos a primeira ancoragem...

As representações literárias do trabalho formal mostram que ele vai além da simples execução de tarefas, pois está ligado à construção da identidade, da dignidade e da consciência social. Ao retratar também as dificuldades e injustiças enfrentadas pelos trabalhadores, a literatura evidencia que o trabalho não é apenas força produtiva, mas uma dimensão fundamental da vida humana, marcada por experiências, valores e resistências.

Nesse contexto, o trabalhador aparece como sujeito histórico e cultural, cujas ações contribuem para transformar a realidade em nível individual e coletivo. Assim, ao dar visibilidade às contradições do mundo do trabalho e às estratégias de superação, a literatura assume um papel formativo, estimulando a reflexão crítica, fortalecendo a expressão cultural e ampliando as possibilidades de participação cidadã.





Sugestão de Atividade

Sequência Didática:

A vida do trabalhador formal na literatura amapaense

Objetivo: Refletir sobre a realidade social e o mundo do trabalho.

Material: textos da literatura amapaense selecionados do guia.

Tempo estimado: aproximadamente 3 a 4 aulas de 50 minutos.

Disciplinas: Língua Portuguesa; literatura; sociologia; geografia; história; projeto de vida; pode ser adaptada para outras áreas.

Apresentação

Apresentar uma imagem, música ou manchete de jornal sobre trabalhadores formais no Amapá; discussão: o que caracteriza o trabalho formal? quais garantias e desafios ele envolve?; distribuir textos da literatura amapaense que retratem profissões formais; dividir a turma em grupos para leitura.



Primeira Etapa

Distribuir aos grupos perguntas norteadoras para leitura dos textos: como o trabalho é retratado? quais sentimentos ou críticas aparecem? etc; os alunos devem anotar as respostas para compartilhar; registrar dúvidas e observação do progresso dos alunos.



Segunda Etapa

Em uma roda de conversa, os discentes compartilham suas impressões sobre os textos e discutem as produções dos outros grupos; após, devem realizar uma produção escrita sobre trabalhadores formais que conheça; ao final, a turma deve fazer um painel temático com os textos produzidos e imagens que representem o assunto.



Avaliação e Autoavaliação

Formativa, baseada na participação nas discussões, no envolvimento nas leituras e na produção criativa; questões de autoavaliação: o que aprendi sobre o trabalho formal? A literatura pode ajudar a pensar no futuro profissional? Entre outras formuladas pelo docente com auxílio dos alunos.



À Deriva: O Trabalho Informal

Estamos nas águas do **trabalho informal**, nosso motor parou e ficamos à deriva – expressão que remete às embarcações sem rumo, levadas apenas pela força das correntes e dos ventos, sem segurança nem controle do destino. Vemos o porto ao longe, mas não podemos atracar. Assim é a informalidade: um espaço de sobrevivência, mas marcado pela instabilidade e pela ausência de garantias.

Para a Organização Internacional do Trabalho (OIT, 2015a), o trabalho informal corresponde a todas as atividades econômicas realizadas fora da regulação estatal e sem acesso às proteções legais, previdenciárias e trabalhistas.

Na literatura amapaense, essa condição aparece refletida em narrativas que, como o estar à deriva, revelam vidas que seguem movidas pela necessidade, mas sem o amparo de um porto seguro.

**Vamos adentrar o universo do trabalho informal
na literatura amapaense!**

Em movimento

A literatura amapaense traz o trabalho informal como alternativa mais frequente de inserção produtiva, especialmente em contextos de desigualdade social e econômica. Diante da exclusão do mercado formal, muitos recorrem a essa forma de trabalho como meio de garantir a sobrevivência.

Nesse âmbito, o ofício de **vendedor ambulante** é o mais comum nas obra literárias locais. Os relatos mostram a criatividade, o orgulho e a resistência desses trabalhadores, mas também deixam transparecer a precariedade de suas condições de vida.

Essa situação pode ser ilustrada através deste trecho do conto “O Bruxo”, de Ademir Araújo, presente no livro **1º Tucuju Literário do IFAP** (2022, p. 147):

“Há um casal de jovens que vive numa velha Kombi - Ferdinando e Adalgisa. Eles estacionam o carro em uma rua qualquer, ou numa praça, e sua morada vira um ponto de venda. O estabelecimento ambulante tem nome autóctone e personalista: Baiúca da Adalgisa”.



A narrativa mostra a criatividade ao transformar o veículo em meio de sustento, mas também expõe a vulnerabilidade social, já que o mesmo espaço é usado, de forma precária, como moradia.

Sob o sol

Na literatura amapaense, por três vezes aparece a figura do **vendedor** de pipocas conhecido como Camarão Frito, apelido dado por ter a pele constantemente queimada de sol em razão de sua rotina de trabalho. Veja como ele é descrito nos trechos abaixo:

“Cidadão delgado, de pouca fala, olhar desconfiado, nariz fino e rosto avermelhado pelas andanças do dia-a-dia, assim era Camarão Frito, um pipoqueiro único.”

Ronaldo Picanço
Macapá, recortes poéticos (2002, p.137)

“‘Camarão Frito’ era um vendedor de pipoca que zangava bastante se alguém o chamassem assim. Mas a molecada gostava era disso, e viviam a perturbá-lo”.

Ricardo Smith
A Casa dos Padres (2009, p. 24)

“A gente chamava o pipoqueiro de Camarão Frito
ficava danado atirava pedra
a gente corria, se ria, se escondia.”

Silvio Leopoldo
Era uma vez num fundo de gaveta (1990, p. 65)



O trabalhador, cujo verdadeiro nome sequer é mencionado, era uma figura real e popular em Macapá. Ele alcançou reconhecimento comunitário, mas também foi alvo de zombarias, especialmente entre as crianças, revelando a ambiguidade entre a valorização de seu ofício e a marca de sofrimento imposta pelas condições em que exercia sua atividade.

O saber tradicional na informalidade

A figura da **parteira** também surge como importante expressão do trabalho informal na literatura do Amapá. Ela é retratada tanto por personagens fictícias quanto em referências a figuras reais, como Mãe Luzia. Os textos destacam seus saberes tradicionais transmitidos de geração em geração. Apesar de exercerem função vital, essas mulheres por muito tempo não tiveram reconhecimento formal nem remuneração justa, recebendo apenas pagamentos simbólicos, muitas vezes em produtos da terra. Veja a seguir algumas representações dessa profissão:

Ao saber da novidade
Que Luzia era parteira
Logo a comunidade
Em alvoroço e em celeiro
Clamava pela bondade (p.10)
(...)
Mas o dom de partejar
Não rendia nenhum tostão
E para se alimentar
Precisava um ganha-pão
E foi assim que Luzia
Logo arrumou um patrão
Joseli Dias

Mãe Luzia: a parteira mais famosa de Macapá (2013, p. 10-11)



“No Curiaú, existe uma senhora que possui este dom de curar e partejar com o poder natural que Deus lhe deu. Durante sua vida fazendo parto na comunidade ajudou a pôr no mundo mais de 50 crianças. Nunca houve nenhum caso de uma criança morrer em suas mãos. O motivo é pelo dom sagrado que a mesma possui. Várias crianças nasceram com problemas e com doenças graves, mas o seu dom de curar consegue tratá-las sem jamais deixar sequelas”

Sebastião Menezes da Silva
Curiaú: a resistência de um povo (2004, p.38)



“Não demorou mais que uma hora para chegarmos na casa de dona Caetana. Entrei pela porta da frente da casa; ela estava na cama, o quarto tinha bastante luz, a bacia com água e os panos estavam à minha espera. Dona Francisca, mãe de dona Caetana, ficou no quarto pra ajudar no que fosse preciso. Dona Caetana tinha os seus olhos aflitos como o de toda mãe preocupada com sua cria, mas também havia confiança por eu estar ali. – Calma, filha. Tudo vai dar certo. Abre bem as pernas pra eu sentir a criança. Ela tá querendo ver o mundo. Agora faz bem força pra essa criança conhecer a vida.”

Cláudia Patrícia Nunes Almeida
Remanso das águas (2013, p. 34)

“Antigamente, o trabalho feito pelas parteiras era mais complicado, geralmente ela se transferia para a casa da grávida, baseando-se nas luas para ter noção da época do parto. Quando chegava o momento e a mulher entrava em trabalho de parto, a parteira costumava fazer uma oração que poderia ser para São Raimundo, São Bartolomeu ou Nossa Senhora do Bom Parto; dar para a grávida beber vinho tinto quente com manteiga e pimenta-do-reino; e lambuzava seus ventres com banha de anta, ariranha ou mucura, para aumentar as contrações. Se houvesse necessidade, a parteira perfurava a bolsa com as unhas.”



Decleoma Lobato Pereira
Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós"
(2005, p. 37)

Nas comunidades ribeirinhas e rurais do Amapá, as parteiras eram muito mais que responsáveis pelo parto: representavam cuidado, confiança e resistência cultural, acompanhavam as famílias antes e depois do nascimento, fortalecendo laços comunitários. Apesar de só terem sido oficialmente reconhecidas como profissão no estado a partir de 1995, na literatura aparecem em períodos anteriores como trabalhadoras informais, preservando a memória de sua importância social e evidenciando o papel da literatura em valorizar práticas historicamente marginalizadas.

Luta e desvalorização

A figura do **agricultor** surge, na literatura local, quase sempre ligada à produção de subsistência ou em pequena escala, revelando os desafios da vida no campo e as condições de vulnerabilidade enfrentadas pelas famílias rurais no contexto da informalidade. Os resumos das obras abaixo trazem alguns desses desafios:

O conto “Natanael na Janela”, de Fernando Canto, retrata a realidade de agricultores ribeirinhos que, após anos de trabalho para cultivar a terra e sobreviver da produção de farinha, enfrentam a contaminação do rio, a exploração da floresta e a pressão de grileiros e sojeiros. Abandonados pelas autoridades, precisam resistir sozinhos à violência de pistoleiros, revelando um cotidiano de luta pela sobrevivência e pelo direito à terra em meio à injustiça e à insegurança.



Quinze Dedos de Prosa (2015, p. 26)
Vários Autores



Em suas crônicas, Janete Santos retrata a vida dos avós agricultores, que viviam da subsistência e vendiam o excedente em cidades próximas, enfrentando perdas pela falta de transporte e preços baixos impostos por atravessadores. Apesar de seus sonhos de melhoria e estudo para os filhos, permaneciam presos a relações de exploração.

Janete Santos
Boa Esperança (2001, p. 67)

As narrativas mostram relações no meio rural marcadas pela exploração, mostrando a vulnerabilidade dos pequenos produtores, que, apesar de sonharem com melhores condições de vida, viam seus esforços limitados pela desvalorização de seu trabalho e pela falta de oportunidades justas.

Remendos da Vida

Os **sapateiros** também são reconhecidos por autores locais, aparecendo em algumas obras. Nos textos abaixo, explicitam-se os riscos à saúde devido ao contato frequente com substâncias tóxicas, como a cola utilizada no conserto de calçados, além do exercício de suas atividades em condições precárias, muitas vezes ao ar livre, sem proteção contra o sol ou infraestrutura adequada.

SAPATEIROS DO FORTE

Tempos idos,

Mercado...

Eles solam,

Pregam,

Pintam,

E são obrigados a cheirar cola...

Resgatam couros esburacados

Que representam o retrato

De minha cidade.

São guerreiros do sol

(...)

Roberto Serra

Poemas de um escorpião (2013, p.61)



“Quando cheguei à Igreja Evangélica dos Irmãos, pela primeira vez, lá encontrei o Manuel Gomes, ou melhor, o Gomes, como era mais conhecido lá no Mercado Central, não somente por exercer a profissão de sapateiro remendão, mas pela notícia de não levar desafetos para casa (...) No início, a sua casa era uma barraca humilde, de um cômodo apenas, coberta de palha e escorada com algumas pernamentas para não cair, por ocasião dos fortes vendavais da época invernessa. Um banquinho velho completava a mobília da moradia. Agora, quanto a sua área de trabalho, aquela funcionava na calçada lateral do Mercado Central da cidade. Ali havia apenas uma cadeira para os fregueses, sem proteção alguma contra o sol.”

Raimundo Donato dos Santos
Raízes submersas: fatos e relatos (2009, p. 228)

Passado recente

O trecho da crônica abaixo nos leva a refletir sobre o ofício de **empregada doméstica** no contexto do trabalho informal :

A mulher do balde

Por Caroline Lima de Freitas

“Um dos fatos mais marcantes da minha vida foi o meu primeiro emprego em 1952. Comecei a trabalhar como empregada doméstica, e a água encanada, nessa época, não existia, por isso no meu trabalho, eu tinha que encher 24 baldes de água para um casal de enfermeiros. Eu ia a pé, das 3 horas da madrugada até às 6 da manhã no bairro do Trem, na beira do rio Amazonas, onde as mulheres iam para lavar roupa.



Mesmo com todo o sacrifício, eu me sentia feliz porque esse foi o meu primeiro emprego de verdade, pois antes eu trabalhava na roça e a situação era bem pior. O motivo desse primeiro emprego ter marcado a minha vida foi porque eu ganhei fama na cidade de ser uma boa empregada e, a partir daí, muitos empresários me convidaram para trabalhar para eles.” (p. 71)

Jovens talentos literários (2017)

Vários Autores

Esse relato literário evidencia as dificuldades do trabalho doméstico em um período sem infraestrutura básica e sem garantias legais. A ausência de água encanada obrigava a trabalhadora a iniciar sua rotina ainda de madrugada, percorrendo longas distâncias para carregar baldes pesados antes mesmo das demais tarefas. A narrativa mostra como a exploração e a precariedade eram naturalizadas, ao mesmo tempo em que preserva a memória de uma realidade marcada por desigualdades no mundo do trabalho.

Balança injusta

Os trabalhadores **auxiliares** aparecem poucas vezes na literatura local, mas suas representações são muito expressivas. Elas evidenciam a exploração, a invisibilidade e a resistência que caracterizam grande parte do trabalho informal e subalternizado.

“O meu trabalho na residência do Sr. Rosemíro consistia em encher um camburão de água, com capacidade para armazenar 12 latas de água, além de rachar lenha em certa quantidade, lavar louça, dar brilho nos talheres e ajudar na limpeza da casa. Recordo-me que o meu salário era tão minguado que tive que trabalhar dois meses para pagar o ferro de engomar para minha mãe, que tanto precisava, pois, na maioria das vezes, pedia o ferro emprestado da vizinha”.



Raimundo Donato dos Santos

Raízes submersas: fatos e relatos (2009, p. 80)



“Não quero ter descamaradagem com a figura do patrão, porém já sofri bastante vendo ele ficar alegre ao conferir o dinheiro que o nosso trabalho dá. Queria ver ele sem nós. Só com seu barco, só ele navegando por aí, debaixo da tempestade. Tá, cheiroso! Eu ia dizer, vendo a sua cara torta. Te vira, seu porcaria... Eu ia era rir. Hum, ele não teria mais aquele riso indecente cheio de dentes de ouro nem os olhos miudinhos que brilhassem tal quando conta o lucro que o nosso trabalho dá”.

Fernando Canto

O bálsamo e outros contos insanos (1995, p. 130)

Essas narrativas revelam o peso do trabalho mal remunerado e a desigualdade entre patrões e empregados, destacando a tomada de consciência dos trabalhadores, que passam a ver o labor também como espaço de resistência.

A beleza e a incerteza da vida

Os **artesãos**, na literatura amapaense, mostram a união entre tradição e criatividade, mas também expõem a vulnerabilidade do trabalho informal, como pode ser visto no poema abaixo:

A Mulher Artesã



Você que com as mãos modela a argila
Essa argila que caleja e provoca dor
Executa o seu trabalho, sua arte dia a dia
Com dedicação, carinho e muito amor.
Essas mãos que embelezam e dão forma
Muitas vezes se entrelaçam e choram
Ou são levantadas humildes para o céu
E em oração suplicam e imploram.
Imploram por uma vida amena e digna
Ou reconhecimento da sociedade
Ao sentir a velhice que se aproxima
E com ela os tempos de dificuldade.
Mulher artesã que conduz a agulha
Transformando pano e linha em arte
Mesmo não reconhecida e anonimamente
Continua segue em frente faz sua parte
(...)

**José Antonio da Silva Jovino
Poraquês e Piaçocas (1998, p. 101)**

A figura do/a artesão/artesã revela a importância do trabalho manual como expressão criativa e preservação de saberes tradicionais, porém, sem garantias de direitos ou estabilidade, esses trabalhadores convivem com a insegurança e o risco de privações, mesmo contribuindo de forma valiosa para a cultura e a identidade social.

O peso da construção

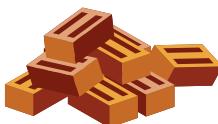
No trabalho informal, nem sempre o esforço individual é suficiente para garantir o sustento. O trecho abaixo, que narra a situação do **pedreiro** Esmaelino, ilustra de forma clara essa realidade:

"Esmaelino era um pedreiro afamado que morava bem próximo de casa. Em pleno inverno, no entanto, atravessava tempos bicudos. Sua mulher e seus filhos só não passavam fome porque a sogra, vez em quando, mandava um pouco de fubá, café, açúcar e até mesmo um naco de carne."

Joseli Dias

Manoel Bispo Côrrea (org.)

Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo
(2010, p. 121)



Apesar de ter sua habilidade reconhecida, o trabalhador enfrentava grandes dificuldades no período de inverno, precisando do apoio da família para alimentar a esposa e os filhos. A estação chuvosa conota a escassez que atinge muitos trabalhadores cujo ofício está sujeito tanto à oscilação da demanda quanto às condições ambientais adversas.

Informalidade e escolaridade

Segundo a Organização Internacional do Trabalho (2015b), a informalidade atinge com maior frequência pessoas com baixa escolaridade e tende a reduzir à medida que o nível de instrução aumenta. Na literatura amapaense, esse aspecto aparece em diferentes relatos, como se pode observar nos trechos a seguir.



“Meu pai só sabia escrever o nome e lia muito pouco. Chamava-se Domingos Matias de Souza. Exercia o ofício da carpintaria. Homem simples, honesto, trabalhador; um homem que viveu para a família.”

Paulo Roberto da Conceição Matias de Souza
Confesso que vivi: uma lição de vida (2014, p. 25)

“Só aprendi a ler precariamente, pouquinho, assinar o nome com garranchos, fazer continhas rudimentares para ganhar a vida. Fui quase sempre trabalhador braçal, pulando de um serviço para outro feito um condenado”

Paulo Tarso Barros
História de um sino: contos (2013, p. 53)



Os dois trechos mostram que o trabalho, apesar de precário, surge como a principal forma de garantir a sobrevivência e conquistar reconhecimento social. As narrativas literárias deixam claro que a falta de escolaridade limita as oportunidades e mantém muitos trabalhadores em funções subalternas, o que contribui para a continuidade das desigualdades sociais.



Concluímos a segunda ancoragem...

Passamos por dificuldades, mas conseguimos atracar. Vimos que o trabalho informal reúne uma ampla diversidade de ofícios, revelando a força de quem mantém a vida em movimento mesmo sem garantias formais ou apoio estatal. As narrativas literárias mostram tanto a dureza da exploração, da instabilidade e da invisibilidade quanto a criatividade e a resiliência que marcam o cotidiano desses trabalhadores. Ao registrar essas experiências, a literatura preserva a memória coletiva e valoriza saberes populares, reconhecendo sujeitos que muitas vezes permanecem à margem.

No campo da educação profissional, esse olhar torna-se fundamental para integrar cultura, ética e afetividade ao processo formativo, rompendo com visões fragmentadas e assumindo o trabalhador em sua plenitude. Assim, a literatura contribui para uma formação mais humana, crítica e conectada à realidade concreta, reafirmando a dignidade dos trabalhadores informais – sem romantizar o contexto laboral, que possui muitos desafios – e destacando seu papel essencial na construção da vida social.



Sugestão de Atividade

Roda de Conversa: O Trabalho Informal na Literatura Amapaense



Objetivo: promover a leitura e a reflexão crítica sobre narrativas literárias amapaenses que retratam trabalhadores informais.

Material: cópias impressas de textos selecionados da literatura amapaense que tratem do trabalho informal; pincéis e cartolinhas.

Tempo estimado: aproximadamente 2 a 3 aulas de 50 minutos.

Disciplinas: língua Portuguesa; literatura; sociologia; geografia; história; projeto de vida; artes; pode ser adaptada para outras áreas.

Roteiro da atividade:

Abertura: breve introdução do tema e explicação do objetivo da roda.

Leitura dos textos: realizada individualmente, em sala.

Quebra-gelo: cada participante recebe uma pequena ficha com a pergunta: "Se você pudesse escolher uma profissão informal para exercer por um dia, qual seria e por quê?". Compartilhar com a turma as respostas.

Discussão em círculo: os participantes compartilham impressões e reflexões sobre os textos. O foco será o trabalho informal, mas outros temas emergentes também serão aceitos. O momento deve ser aberto e acolhedor, incentivando a participação dos alunos. Podem ser feitas perguntas norteadoras: "quais dificuldades aparecem nas narrativas?"; "que estratégias de sobrevivência os personagens utilizam?"; registrar as palavras-chave da discussão.

Encenação: em grupos, os alunos encenam de forma breve um trecho ou personagem relacionado ao trabalho informal presente nos textos (dramatização, mímica ou representação simbólica). Após as apresentações, a turma reflete coletivamente sobre os aprendizados da atividade em grupo.

Produção de Cartaz (opcional): síntese com frases, palavras-chave ou imagens representando as condições e a importância dos trabalhadores informais na literatura. Os cartazes poderão ser expostos como registro da atividade.

Encerramento: agradecimento e breve retomada das ideias principais.





Fortes Correntezas: Trabalho Ilegal

Estamos com dificuldade de aportar, desafiando marés altas e correntezas traiçoeiras do trabalho ilegal em sua pior forma: **o trabalho infantil**. A cada avanço, a infância e a adolescência são arrastadas e expostas a perigos, enquanto a margem segura permanece distante, tal como os direitos negados a quem é forçado a trabalhar cedo demais. O trabalho infantil é, assim, uma travessia arriscada, em que a sobrevivência se impõe sobre a infância.

A Constituição Federal de 1988 (art. 7º, XXXIII), o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei 8.069/1990), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e o Decreto nº 6.481/2008 - que estabelece a Lista das Piores Formas de Trabalho Infantil (Lista TIP) - proíbem expressamente a inserção de crianças e adolescentes em atividades laborais perigosas, insalubres, penosas ou em desacordo com a sua faixa etária.

As narrativas literárias revelam crianças e adolescentes que, diante da pobreza e da ausência de políticas públicas, são levados a trabalhar desde cedo em atividades sem proteção, como venda nas ruas, produção de carvão, extração vegetal e serviços domésticos.

Vamos conhecer a dura realidade do trabalho infantil na literatura amapaense!

Sonhos submersos

A crônica “**Meninos da Orla**” retrata o cotidiano de crianças que trabalhavam vendendo “chopp”, croquetes e rosquinhas na praia do Araxá, em Macapá. Apesar do cenário lúdico e das brincadeiras que os rodeiam, os meninos não podem participar plenamente da infância, pois carregam a responsabilidade de ajudar no sustento da família.

“(...) Antes de começar a venda, eu e outros meninos do mesmo ofício que eu sentávamos na areia e contemplávamos as águas do Amazonas. Aquelas águas nos enfeitiçavam a cabeça e, sobretudo, a imaginação. Ficávamos olhando da areia, com ar de inveja, os outros meninos brincando naquelas águas. Nós queríamos estar lá fazendo dos troncos das árvores, trazidos pela maré alta, os nossos cavalos e naves espaciais ou tubarões ou baleias assassinas das nossas aventuras de criança.

No entanto, a obrigação de vender os nossos choppes, croquetes ou rosquinhas impedia nosso desejo de criança de cair naquelas águas por alguns instantes, pois tínhamos a responsabilidade de ajudar também no sustento da família. Por essa razão, as cubas e os tabuleiros tinham que voltar vazios e os nossos bolsos cheios do resultado das vendas.”

(...)

*Em Macapá, o sorvete congelado e vendido em saquinho plástico recebe o nome de chopp.

Cláudia Patrícia Nunes Almeida
Remanso das águas (2013, p. 47)



Você tem fome de quê?

Enquanto a crônica anterior mostra o contraste entre crianças que podem brincar e outras que precisam trabalhar, o conto **“Menino de Rua”** amplia essa comparação, evidenciando também as diferenças entre as classes sociais:

“(...) Enquanto os filhos da classe média e rica dormiam seu sono infantil, protegidos nos lares dos seus pais, Wesley vagava pelas ruas. O que havia de comum entre eles: eram todos crianças. Mas Wesley era criança pobre. No Brasil, criança pobre sofre de três males: um estado ineficiente, pais irresponsáveis e uma sociedade insensível. A conjunção dessas três coisas criou um Wesley das ruas, reparador de carro, fora da escola. “Eduai as crianças e não será preciso punir os homens”: Pitágoras. O filósofo dava conselho ao Brasil na Grécia de dois mil e seiscentos anos atrás. Mas se há uma coisa que o Estado brasileiro não faz, é ouvir conselho de filósofo grego. Prefere construir Sambódromos e financiar megashows em tempos de eleição: a política do circo. A família de Wesley nunca recebeu uma cesta básica. Ninguém nunca esteve em sua casa para perguntar se ele ia à escola. Wesley cresceu, assim, com fome. Fome de alimento, de solidariedade e inclusão social. Wesley vivia apanhando na rua. Os meninos maiores batiam nele. Por vezes, chegava em casa sem um tostão, porque o dia fora ruim ou porque o dinheiro lhe fora tomado. Aí apanhava da mãe ou do pai, porque achavam que havia gastado. Foi vendedor de cocada, de amendoim, picolé, mas o negócio não deu certo. O que fazia mesmo era reparar carro, que se não desse lucro, não dava prejuízo.”

Mauro Guilherme da Silva Couto
O Trem de Maria (2008, p.86)



Remando contra a maré

No conto “**O Amapá**”, a narrativa mostra como crianças e adolescentes enfrentam situações de risco em atividades ligadas ao comércio fluvial, ao se aproximar de grandes embarcações em movimento para vender produtos como açaí, peixe, camarão e frutas. Esse trabalho, embora represente uma forma de sobrevivência para famílias ribeirinhas distantes dos centros comerciais, coloca os menores em condições perigosas, expostos a acidentes graves e à exploração.

“(...) Esses vendedores marítimos às vezes viajam horas de canoa até o navio. Ao chegar próximo ao lugar de onde partiram, eles voltam à canoa, e soltam a corda e voltam para casa. Esta abordagem lembram as cenas de antigos filmes de piratas e chamam a atenção de qualquer pessoa por causa da coragem, ousadia, destreza e precisão com a realidade.

Curioso é notar que muitas vezes o trabalho é feito por mocinhas com idade variando de doze a quinze anos. Algumas mães lá estavam em sua canoas, na tentativa de realizar esse pequeno comércio informal, porém de vital importância para aquelas pessoas que as vezes moram dezenas de quilômetros distantes dos centros comerciais. É interessante observar o sacrifício que as vezes chega ser vital em busca de cinco ou dez reais, mas que para eles representam a sobrevivência.”

José Antonio da Silva Jovino

Poraquê e Piaçocas (1998, p. 14)



Terra árida

o poema “**Vida a Grito**” retrata a rotina de um menino que, desde cedo, é inserido no trabalho pesado do campo. Essa rotina o deixa cansado e com pouco tempo para brincar, estudar e descansar. O poema explicita, assim, o sacrifício da infância diante do trabalho precoce:

VIDA A GRITO

Guri pacato,
humilde, puro, pela terra encantado
e à vida encorajado.
Seu trabalho grosseiro e pesado
o deixava fraco e cansado,
quase sem tempo para brincar
e com seus coleguinhas conversar.
O tempo que lhe restava era para estudar
e à noite, depois da lição, descansar.
Suas mãos calejadas:
seguravam o cabo da enxada, ancinho, pá
e galhadas.
Plantavam mandioca, batata doce e bananeira
e outras, entre as quais, a laranjeira.
Da mandioca ajudavam preparar a massa,
que dela faziam farinha.
Pão de cada dia do pobre,
que para muitos fazia falta
e pouco interessava ao nobre.
(...)



João Barbosa
Gritos no olhar (2004, p.25)

Armadilha tênué

Consequências negativas do trabalho infantil também aparecem de forma clara no conto **“Equívoco Imaginário”**. Zézinho Carvoeiro, um menino de 12 anos que trabalhava em uma carvoaria, só decidiu ir à escola depois de ser ridicularizado por acreditar que iria esbarrar na Linha do Equador. O relato mostra como o trabalho infantil era valorizado e visto como algo comum naquele contexto:

“Zezinho carvoeiro era um menino muito trabalhador e se orgulhava muito disso. Na época não se discutia o trabalho infantil, muito ao contrário, os pais faziam questão de iniciar seus filhos em uma profissão, como uma garantia contra os desvios da vida. Com doze anos completos, ele nem sentia falta de escola, até o dia em que um cliente de seu pai convidou a molecada do entorno da carvoaria para um passeio em uma praia de rio chamada Fazendinha, por conta de uma fazenda-modelo criada pelo governo do que então era o Território do Amapá, visando garantir o abastecimento da capital, que sofria com o isolamento imposto pelo caudaloso Rio Amazonas. Eles eram seis garotos de mais ou menos a mesma idade e viajavam na traseira da caçamba fazendo a maior algazarra, até que um deles gritou:

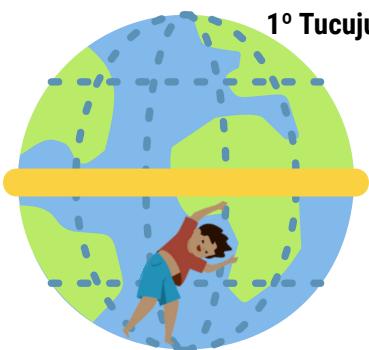
– Cuidado, gente, vamos passar na linha do Equador! Se abaixem, rápido!

Zezinho foi o primeiro a se deitar no chão sujo da caçamba que costumeiramente carregava sacos de carvão e, claro, teve que aguentar a gozação dos outros moleques. Ele era o único que não sabia que a linha do Equador era uma linha imaginária. Aliás, ele nem sabia o que era uma linha imaginária (...).”

João Wilson Savino Carvalho

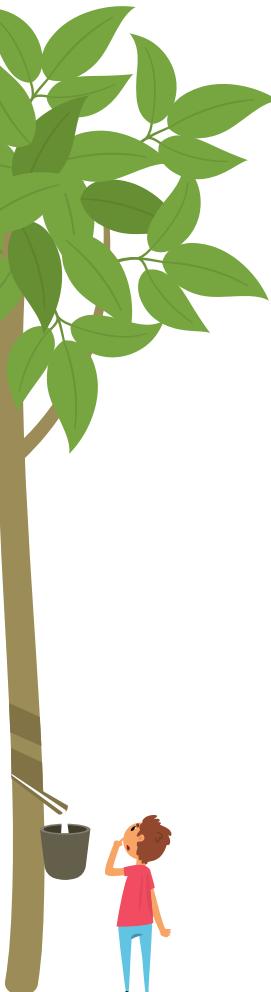
1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas (2022, p. 138)

Vários Autores



Lágrimas Brancas

Na crônica “**O Batedor de Sapopema**”, vemos como o narrador, ainda com apenas doze anos, já estava inserido no mundo do trabalho. Junto aos irmãos mais novos, ele participava, dentre outras atividades, da extração de látex na mata durante a madrugada, revelando como a infância era marcada pelo esforço precoce e pela responsabilidade produtiva:



“Desde menino acostumei-me às tarefas de uma comunidade ribeirinha de base extrativista. No período das chuvas e das cheias, quando as águas do igapó invadiam as várzeas trazendo de babaia grande quantidade de frutos silvestres, fazia-se a coleta de sementes oleaginosas, entre elas a ucuúba, a castanha de andiroba e o pracaxi. Sendo essa atividade realizada nos rios e igarapés, as histórias contadas pelos nativos guiavam, quase sempre, em torno do boto, da boiúna e da mãe d’água. Com a chegada do verão amazônico essa atividade era trocada pela pesca, pelo cultivo da terra e pela produção da borracha. A extração do látex era feita em seringais nativos, verdadeiros labirintos traçados pelas seringueiras nascidas ao deus-dará.

Tão familiarizado estava com essa atividade que já aos doze anos de idade passei a trabalhar à noite por ser esse o melhor período para a produção da seiva. Ao primeiro cantar do galo fomos nós, eu e meus dois irmãos menores, mata a dentro, munidos apenas da faca de riscar, da poronga e da caixa de fósforos. Eu, por ser o mais velho, seguia sozinho por um lado enquanto eles seguiam pelo outro. Antes do cantar da saracura já havíamos chegado ao “encontro”, local pré-determinado de onde apanhávamos um varadouro (atalho) para casa, chegando ainda no lusco-fusco.”

Antônio Juraci Siqueira

Obras reunidas: volume III: contos, crônicas e outros escritos. (2023, p. 82)



Concluímos nossa viagem...

A literatura amapaense mostra que o trabalho infantil revela desigualdades sociais profundas e a negação de direitos básicos. O fato de muitas crianças serem inseridas precocemente no trabalho reflete um cenário de precariedade e exclusão. O acesso ao conhecimento acontece dentro de contextos sociais desiguais, e a literatura expõe essa realidade quando retrata, de diversas formas, o contexto de infâncias interrompidas. Assim, os textos cumprem uma função educativa, ao evidenciar as contradições que marcam o mundo do trabalho e afetam especialmente as infâncias mais vulneráveis.

A produção literária do Amapá mostra-se um recurso importante para a formação integral, pois valoriza os saberes locais e, ao mesmo tempo, estimula uma visão crítica sobre o mundo do trabalho. Cada geração precisa se apropriar do conhecimento acumulado pela humanidade, já que ele carrega valores que nos formam como sociedade. Nesse sentido, quando a literatura amapaense é utilizada no processo educativo, ela contribui para preservar a cultura, compreender a história e formar sujeitos capazes de agir de maneira ética e transformadora na realidade em que vivem.



Sugestão de Atividade

Projeto ABP: Trabalho Infantil no Brasil e no Amapá

Objetivo: Conscientização sobre direitos das crianças e adolescentes e como garantir-los.

Material: computador ou celular.

Tempo estimado: 4 aulas + atividades extras

Disciplinas: Língua Portuguesa, Literatura, Geografia, História, Sociologia, Projeto de Vida.

Ponto de partida: a partir da leitura de textos da literatura amapaense que abordam o trabalho infantil, os alunos farão parte de uma aprendizagem baseada em projetos - ABP.

Lançamento do Projeto (Problematização): situação-problema: Apesar de proibido por lei, o trabalho infantil ainda é uma realidade no Brasil e no Amapá. Quais os impactos dessa prática? Como a comunidade escolar pode contribuir para combatê-la?

Desenvolvimento (Etapas do Projeto)

Para as etapas seguintes deve ser feita divisão da turma em grupos, com definição de funções dos membros, bem como informes quanto aos prazos e cronograma do projeto.

1 - Pesquisa

- Levantar notícias atuais sobre o trabalho infantil no Brasil, com foco na região norte e no Amapá.
- Estudar a legislação (ECA, Constituição, Lista TIP).
- Identificar canais de denúncia e campanhas já existentes.

2 - Reflexão e Discussão

- Apresentar em sala as notícias encontradas.
- Debater as causas, consequências e formas de combate.
- Construir um quadro coletivo: “O que já sabemos / O que precisamos aprender / O que queremos mudar”.

3 - Produção da Cartilha

- Elaborar coletivamente os conteúdos: conceito de trabalho infantil; dados atuais (Brasil e Amapá); consequências desse tipo de trabalho; formas de combate; canais de denúncia.
- Diagramar em formato digital (Canva, PowerPoint ou Google Docs) e preparar versões impressas.

4 - Divulgação e Ação Social

- Lançamento oficial na escola (mural, roda de conversa ou evento temático).
- Divulgação em redes sociais da turma/escola.
- Distribuição das cartilhas impressas no espaço escolar e comunidade.

5 - Avaliação

Processual e formativa, considerando:

- Participação na pesquisa e nos debates.
- Qualidade das informações selecionadas.
- Criatividade e clareza na elaboração da cartilha.
- Engajamento na divulgação e socialização do produto.



Trilogia poética: três olhares em poesia

Como forma de encerrar este guia, apresento três poemas de minha autoria. Esta trilogia poética nasceu em meio às leituras e descobertas na Biblioteca Pública Elcy Lacerda, em Macapá, enquanto eu pesquisava as obras que compõem este material.

Entre livros e memórias, senti a necessidade de registrar em versos as emoções despertadas pelas histórias e pelas narrativas retratadas na literatura amapaense.

Esses três poemas não são apenas um bônus, mas também uma forma de compartilhar a sensibilidade que me acompanhou durante o percurso desta pesquisa, como um fechamento poético para a travessia realizada até aqui.



Colo Ancestral

Por tuas firmes mãos ao mundo vim
Por teus conhecimentos sobrevivi
Antes mesmo que os olhos de minha mãe
Os teus primeiros olhos pairaram sobre mim

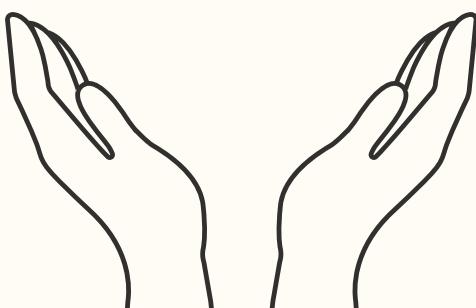
Teu cheiro jamais será esquecido
Uma visceral mistura de suor, sangue, amor
A segurança senti em teu colo
Tua voz meu choro acalentou

Distante da cidade, dos hospitais, dos jalecos
Teus braços quentes me trouxeram para perto
És luz na escuridão do tempo
Ó mulher de sabedoria do universo

Que o tempo infinitamente te propague
E teu legado eternamente prospere
E mesmo que o tentem apagar
Estarei sempre aqui
A te testemunhar em verso

Às parteiras do Brasil

Cris Evelin



À Margem

À margem do rio Amazonas
A criança de olhar perdido
Pede-me que lhe compre um doce
Restam poucos e, tímido, confessa-me
Que o pai lhe bate se os não vender todos

Consternada, compro
Indignada, penso
Que injustiça! Devo denunciar
Não há tempo, a criança se foi

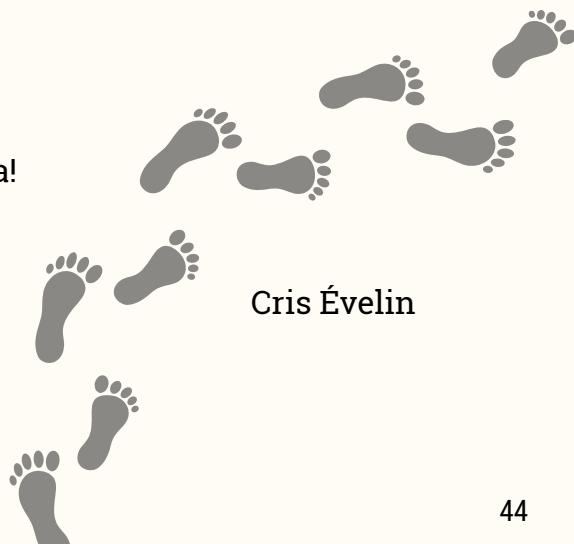
À margem da sociedade
A criança de olhar perdido
Pediu-me esperança
Resta-me ainda?

Foi-se embora...
Encontrou-se com o medo
Do pai?
Não

Do futuro

Há tempo, volte criança!

Cris Évelin



Da família

Venha, minha menina!
Morar na cidade comigo
Já mocinha estás
Dar-te-ei roupa, comida, abrigo
Falta, certamente, não farás
Teus pais já têm muitos filhos

Entre, minha menina!
A casa tua é! Põe a um canto teus trapos
Não sejas bicho-do mato
Separei-te um colchão antigo
Quase não há carapatos
Durma, logo hás de acordar

Acorda, menina minha!
Não vês que tanto há por fazer?!
Pensas que em tua casa estás?
Deves tudo fazer por merecer
Desfaz essa cara amuada
E comece imediatamente a varrer

Trata de dormir, menina!
Mais uma noite a lacrimejar?
Aqui vida boa tens
Estás com saudade da miséria de teu lar?
Estudar já falei que não é para ti
Há muitas panelas para arear

Menina? Menina?! Onde estás?
Como ousas fugir deste lugar!
Tratei-te como se da família fosse
Dei-te tanto, quão ingrata és!
Deixa estar, logo arranjo outra
Na comunidade do Vai-Quem-Quer



REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Cláudia Patrícia Nunes. *Remanso das águas*. Macapá: Tarso Editora, 2013.
- ARAUJO, Ademir Pedrosa. O bruxo. In: AIRES, Luiz Ricardo Fernandes de Farias; PUREZA, Benedita Machado; BARBOSA, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). *1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas: os encantos do meio do mundo*. Macapá: Edifap, 2022. p. 147-149.
- BARBOSA, João. *Gritos no olhar*. Macapá: JM Editora Gráfica, 2004.
- BARROS, Paulo Tarso. *História de um sino: contos*. Macapá: Tarso Editora, 2013.
- BENDER, Willian N. *Aprendizagem baseada em projetos* . Porto Alegre: Penso, 2014.
- BRASIL. Decreto n. 6.481, de 12 de junho de 2008. *Regulamenta os artigos 3º, alínea "d", e 4º da Convenção n. 182 da Organização Internacional do Trabalho (OIT) que trata da proibição das piores formas de trabalho infantil e ação imediata para sua eliminação*, aprovada pelo Decreto Legislativo n. 178, de 14 de dezembro de 1999, e promulgada pelo Decreto n. 3.597, de 12 de setembro de 2000, e dá outras providências. Brasília: Presidência da República, 2008b. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm. Acesso em: 19 mai. 2025.
- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: CANDIDO, A. Vários escritos. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 169-191.
- CANTO, Fernando Pimentel. *O bálsamo e outros contos insanos*. Belém: Editora Universitária, 1995.
- CANTO, Fernando. Natanael na Janela. In: Canto, F. et al. *Quinze Dedos de Prosa*. São Paulo: Scortecci, 2015. p. 26-30.
- CARVALHO, João Wilson Savino. *Da vida e da sorte por dez contos*. Pará de Minas: Virtualbooks, 2012.
- CARVALHO, João Wilson Savino. Equívoco imaginário. In: AIRES, Luiz Ricardo Fernandes de Farias; PUREZA, Benedita Machado; BARBOSA, Flávia Karolina Lima Duarte (org.). *1º Tucuju Literário do IFAP: contos e poemas: os encantos do meio do mundo*. Macapá: Edifap, 2022. p. 138-141.
- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. 1. ed. São Paulo: Global Editora, 2007.
- COUTO, Mauro Guilherme da Silva. *O Trem de Maria*. São Paulo: Scortecci, 2008.
- DIAS, Joseli Pereira. Armando com Esmaelino. In: CORRÊA, Manoel Bispo (org.). *Coletânea de poetas, contistas e cronistas do meio do mundo: contos*. Macapá: Gráfica e Editora JM, 2010. p. 121-123.

DIAS, Joseli Pereira. *Mãe Luzia: A Parteira mais famosa de Macapá*. 1. ed. Macapá: [s.n.], 2013.

DIAS, Joseli. *Mitos e lendas no Amapá*. 4. ed. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2020.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (Orgs.). *Ensino médio integrado: concepção e contradições*. São Paulo: Cortez, 2005.

FREITAS, Caroline Lima de. *A mulher do balde*. In: MEIRELES, Rodolfo; OLIVEIRA, Andréia (org.). *Jovens talentos literários: coletânea de poemas e outros textos produzidos nos atendimentos em Altas Habilidades/Superdotação*. Macapá: [s.n.], 2017.

JOVINO, José Antonio da Silva. *Poraquê e Piaçocas*. Macapá: Editora Valcan, 1998.

LEOPOLDO, Sílvio. *Era uma vez num fundo de gaveta*. Macapá: Divisão de Difusão Cultural, 1990.

MARTINS, Reginaldo Pacheco. *Doutor reconhecido*. In: VÁRIOS AUTORES. *Coletânea de poesias: os servidores poetas do Amapá*. Macapá: EAP, 2005. p. 34.

MOURA, Dante Henrique. *Trabalho e formação docente na educação profissional*. 1. ed. Curitiba: Instituto Federal do Paraná, 2014.

NASCIMENTO, Raysa Martins do. *Mãos mágicas: a prática do partejar a partir da experiência de parteiras tradicionais de Santana – AP*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

NUNES, Maria Ângela. *De amor e de fé: prosa e poesia*. Macapá: [s.n.], 2013.

OLIVEIRA, Getúlio Albuquerque de. *Um rosto na multidão*. Macapá, [s. n.], 2003.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Recomendação no 204 sobre a transição da economia informal para a economia formal*: adotada pela Conferência em sua 104a sessão em 12 de junho de 2015. Genebra: OIT, 2015a. Disponível em: https://www.ilo.org/brasilia/publicacoes/WCMS_619831/lang--pt/index.htm. Acesso em: 13 abr. 2025.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO (OIT). *Juventude e informalidade: a formalização da juventude informal – experiências inovadoras no Brasil*. Lima: OIT, 2015b. Disponível em: <https://repositorio.ipea.gov.br/bitstreams/738b313c-ee45-4ac8-b7fd-d6c570897d06/download>. Acesso em: 16 abr. 2025.

PEREIRA, Decleoma Lobato. *Entre mãe-do-mato, cobra grande, boto e "mocós"*: uma aventura no Bailique. Macapá: Confraria Tucuju, 2005.

PICANÇO, Ronaldo. Passeios de moleque. In: CONFRARIA TUCUJU (org.). *Coletânea macapaense*: Macapá, recortes poéticos. Macapá: Confraria Tucuju/PMM, 2002. p. 135-137.

ROJANSKI, Luli. *Lugar da chuva*: crônicas do Amapá. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

SÁ, Marly da Cunha. *Instantes do cotidiano*. Macapá, [s. n.], 2012.

SANTOS, Janete. *Boa Esperança*: crônicas & contos. 2. ed. Macapá: Gráfica JM, 2001.

SANTOS, Raimundo Donato dos. *Raízes submersas*: fatos e relatos. Rio de Janeiro: W. Books Comunicações, 2009.

SAVIANI, Dermeval. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 34, p. 152-180, jan./abr. 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782007000100012>. Acesso em: 08 nov. 2023.

SAVIANI, Dermeval. O choque teórico da Politecnia. *Trabalho, Educação e Saúde*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 131-152, 2003. DOI: 10.1590/S1981-77462003000100010. Disponível em: <https://www.tes.epsjv.fiocruz.br/index.php/tes/article/view/1958>. Acesso em: 12 nov. 2023.

SERRA, Roberto. *Poemas de um escorpião*. Macapá: s. n., 2013.

SILVA, Ranilson Chaves. *O mundo desaba e eu escrevo*: poesia, crônicas e contos. Santana: Amazon Graf, 1999.

SILVA, Sebastião Menezes da. *Curiaú*: a resistência de um povo. Macapá: Secretaria de Estado do Meio Ambiente, 2004.

SILVA, Paulo Ricardo Moura da. *Práticas escolares de letramento literário*: Sugestões para leitura literária e produção textual. Petrópolis: Vozes, 2022.

SIQUEIRA, Antônio Juraci. *Obras reunidas*. v. 3: contos, crônicas e outros escritos. Belém, PA: Editora Pública Dalcídio Jurandir, 2023.

SMITH, Ricardo. *A Casa dos Padres*. Belém: Imprensa Oficial do Estado do Pará, 2009.

SOUZA, Paulo Roberto da Conceição Matias de. *Confesso que vivi*: uma lição de vida. Macapá: JM editora, 2014.

ZABALA, Antonio. *A prática educativa*. Porto Alegre: Artmed, 1998.

Porto de Contato

Nossa travessia não termina aqui. Assim como um barco precisa de novos rumos, este guia também pode trilhar novos caminhos com a sua colaboração.

Envie suas dúvidas e sugestões:

E-mail: **crisevelin31@gmail.com**

Telefone/WhatsApp: **(96) 98128-5778**

Deixe sua avaliação:

Acesse o formulário em

<https://forms.gle/ZzTSQqxn2JRwtHQW6> e compartilhe sua opinião sobre esta viagem literária.

Cada palavra sua é como um farol que ilumina novas rotas, ajudando a aperfeiçoar este material e a fortalecer os laços entre literatura, educação e mundo do trabalho.

ISBN: 978-65-01-76711-6

